

LÍNGUA E DISCRIMINAÇÃO: OS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA INCLUSIVA

Luane Louise de Souza Amorim¹
Patrícia Graciela da Rocha²

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar as manifestações de discriminação linguística sofridas por alunos de uma escola pública do município de Bela Vista – MS e os sentimentos gerados a partir desses atos, sob a perspectiva teórico/metodológica da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008; CALVET, 2002; BAGNO, 2015). Os dados utilizados para este estudo foram coletados por meio de Testes de Atitude Linguística aplicados a 199 alunos da Educação Básica. Dentre os resultados encontrados, destaca-se o “bullying linguístico” sofrido por 25% dos sujeitos dessa pesquisa, atitude que causa impactos fortemente negativos em suas vidas, contribuindo para a baixa autoestima dos alunos e perpetuando o pensamento de que existe uma única forma certa de falar. A partir dessas verificações, a pesquisa pretende colaborar com o campo de diálogo sobre atitudes linguísticas no estado de Mato Grosso do Sul e também contribuir para a implementação de uma Pedagogia da Variação Linguística no ensino de línguas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Atitudes. Ambiente escolar. *Bullying* linguístico.

LANGUAGE AND DISCRIMINATION: THE PATHS FOR AN INCLUSIVE LINGUISTIC EDUCATION

Abstract: *The objective of this study is to analyze the manifestations of linguistic discrimination suffered by students from a public school in the city of Bela Vista - MS, and the feelings generated from these acts, according to the theoretical-methodological perspective of Labov's Sociolinguistics (LABOV, 2008; CALVET, 2002; BAGNO, 2015). The data used for this study were collected through Linguistic Attitude Tests applied to a total of 199 students of Basic Education. Among the results, the linguistic bullying suffered by 25% of the people questioned stands out, an act that causes strongly negative impacts on their lives, contributing to low self-esteem of students and perpetuating the thought that there is only one right way to speak. Based on these verifications, this study intends to collaborate with the field of dialogue on linguistic attitudes in the state of Mato Grosso do Sul and also contribute to the implementation of a Pedagogy of Linguistic Variation in language teaching.*

Keywords: Sociolinguistics. Attitudes. School Environment. *Linguistic bullying.*

¹ Graduanda do 5º semestre do curso de Letras Português e Inglês na UFMS e voluntária no PIVIC 2019/2020. ORCID: 0000-0001-5836-4702. E-mail: luanelouise8@hotmail.com.

² Professora adjunta de Língua Portuguesa e Linguística do curso de letras da FAALC/UFMS. Orcid: 0000-0002-8814-9613. E-mail: patigraciro@gmail.com.

Introdução

Lidar com a diversidade cultural é uma das grandes dificuldades do ser humano. Conviver com a variedade linguística se torna, então, um grande desafio que deve ser assumido por uma sociedade democrática e é algo que deve ser ensinado e aprendido, sobretudo, na escola.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar as manifestações de discriminação linguística sofridas e/ou cometidas por alunos de uma escola pública do município de Bela Vista – MS e os sentimentos gerados a partir desses atos.

Para isso, este texto apresenta, inicialmente, o seu referencial teórico definindo alguns conceitos basilares para a realização de tal estudo, em seguida traz a metodologia utilizada para a coleta de dados e, posteriormente, apresenta e analisa um recorte desses dados organizados em forma de gráfico e de um quadro com depoimentos pessoais. Por fim, são trazidas as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

1. As crenças, as atitudes e a discriminação linguística no ambiente escolar

Considerando que a discriminação linguística é uma atitude que surge a partir de crenças acerca de como a língua é, ou deveria ser, se faz necessário esclarecer esses conceitos. O termo crença possui uma ampla significação dentro das mais diversas áreas de estudo das ciências humanas (BOTASSINI, 2015, p.106). No campo da linguística, estudos recentes definem as crenças como sendo “paradoxais e contraditórias”, pois “ao mesmo tempo em que são sociais, as crenças também são individuais e únicas, porque cada pessoa assimila uma experiência de modo particular.” (BARCELOS, 2007 apud BOTASSINI, 2015, p. 108). Com base nessa perspectiva, podemos concluir que, as crenças acerca de uma língua estão alojadas no imaginário social podendo, no entanto, ser traduzidas e interpretadas de acordo com o pensamento individual de cada membro da sociedade.

Por se alocarem no campo do cognitivo individual e social, as crenças linguísticas por vezes traduzem a forma que determinado grupo linguístico pode vir a julgar o que lhe é estranho, gerando a generalização que recebe o nome de estereótipo. Para a Sociolinguística Variacionista o termo se define como “um tipo particular de variável linguística que contém uma variante reconhecida por alguns membros de uma comunidade de fala e usada como base para comentários negativos sobre as variedades

que apresentam tal variante.” (BAGNO, 2017, p. 121). Essa relação entre crença e estereótipo pode ser exemplificada quando olhamos para

[...] o emprego recorrente de personagens nordestinos em novelas de televisão, sempre interpretados por atores e atrizes não nordestinos que falam com um sotaque estereotipado e exagerado, com o fim de obter efeitos de humor e depreciação (BAGNO, 2015, p. 281).

Ou seja, a crença que permeia o imaginário da maioria da população alocada nas regiões centro-sul do Brasil é a de que as variedades linguísticas do Nordeste brasileiro são, de certa forma, desprestigiadas, julgamento feito pelo fato de ser “uma região tida como “atrasada” politicamente e “subdesenvolvida” economicamente” (BAGNO, 2015, p. 281). Por esse motivo, ocorreu o surgimento de tal estereótipo negativo dessas variedades que passou a ser extremamente reproduzido nas mídias, perpetuando o imaginário social.

Essas crenças e estereótipos geram atitudes linguísticas, isto é, “opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da(s) língua(s) de outros grupos sociais e, sobretudo, da variação linguística.” (BAGNO, 2017, p.21). Elas estão, portanto, ligadas a um contexto que vai além da própria língua, “de modo que é difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.” (FERNANDÉZ, 1998 apud BOTASSINI, 2015, p. 113).

Em razão dessa ligação com o contexto social, as atitudes linguísticas podem ser positivas ou negativas, sendo que “as atitudes de valorização ou de rejeição às variedades de língua em uso são reguladas pelos grupos sociais de maior prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica, os quais ditam o que tem prestígio e status.” (AGUILERA, 2008 apud BOTASSINI, 2015, p. 113). Nessa rede de relações de poder, enquanto as variedades linguísticas pertencentes à população dominante nos campos socioeconômicos e sociais são valorizadas e almejadas, as demais sofrem discriminação.

A atitude linguística negativa que se manifesta, principalmente contra as variedades linguísticas menos prestigiadas, é chamada de preconceito linguístico que se caracteriza como “a atitude de lançar um juízo prévio e pronto sobre um fato, uma pessoa ou um grupo de pessoas antes de sequer entrar em contato com o fato ou a pessoa/grupo” (BAGNO, 2017, p. 374), sendo que, em relação a uma língua ou variedade linguística, essa atitude se apropria de crenças e estereótipos ligados a noção

de que “há modos de falar bem a língua e outros que, em comparação, são condenáveis.” (CALVET, 2002, p. 60).

O linguista Marcos Bagno enxerga no preconceito uma atitude que dificilmente pode ser aniquilada, pois, para ele, “é um sentimento, uma crença pessoal com relação a alguém ou a alguma coisa, uma noção subjetiva” (BAGNO, 2015, p. 304). Existe, porém, a faceta visível do preconceito, aquela que se materializa “sua contrapartida prática, objetiva, é a discriminação.” (BAGNO, 2015, p. 304).

No ambiente escolar, lócus desta pesquisa, a prática do preconceito/discriminação contra determinada língua ou variação linguística recebe o nome de *bullying* linguístico. Portanto, toda e qualquer situação onde o uso linguístico de determinado falante leva “a prática em sala de aula de atitudes violentas, com a finalidade de constranger ou retirar do grupo aquela pessoa que é identificada como diferente ou intrusa” (MILAN, 2009, p. 223), é considerado *bullying* linguístico.

A escola se constitui como um dos ambientes primordiais na formação dos indivíduos, tendo como função principal garantir o aprendizado para todas as pessoas, independentemente da posição social em que se encontram. Por essa razão, um dos maiores desafios encontrados pela educação linguística atual, é o de garantir o respeito mútuo para todas as variações linguísticas existentes “a partir do reconhecimento de que não existe erro nos usos que os falantes fazem de sua língua materna” (FARACO, 2008 apud CYRANKA, 2015. p. 33).

2. Metodologia

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados a partir de um Teste de Atitude e Percepção Linguística (com 6 perguntas acerca do seu perfil social, 11 perguntas objetivas sobre a(s) língua(s) falada(s) na região, variação e preconceito linguístico e 2 perguntas abertas sobre estas mesmas questões) aplicados a 199 discentes de uma escola pública do município de Bela Vista (MS). Para este trabalho, selecionamos apenas as respostas a duas perguntas objetivas que se destinavam a verificar se os alunos já sofreram e/ou cometeram algum tipo de discriminação linguística e a uma pergunta subjetiva que visava obter depoimentos acerca dos sentimentos que se manifestavam diante das manifestações de preconceito.

No que tange ao tipo de abordagem, nossa pesquisa tem um teor qualitativo e quantitativo, pois nos preocupamos não apenas em coletar dados que trouxessem

números, influenciados pelas alternativas que as questões apresentaram, mas também abrir um espaço para os alunos manifestarem sua opinião e depoimentos acerca de suas experiências. O percurso assumido foi: i) elaboração de perguntas; ii) coleta de dados; iii) tabulação dos dados coletados; iv) elaboração de gráficos e percentuais e v) análise e interpretação dos dados³.

Os testes foram aplicados a turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º do Ensino Médio, além dos alunos do EJA noturno – 1ª e 2ª fase que não precisaram se identificar e ficaram livres para escolher o modo de preenchimento (caneta ou lápis) ou até mesmo para não responder.

Dentre os participantes da pesquisa, 51% são do gênero feminino e 49% do gênero masculino. 44% pertencem à faixa etária de 10 a 15 anos, 34% de 15 a 18 anos e 21% têm mais de 18 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 11% estão cursando o 6º ano do Ensino Fundamental, 17% estão no 7º ano, 14% no 9º ano, 14% no 1º ano do Ensino Médio, 14% no 2º ano, 11% no 3º ano, 5% no EJA 1ª fase e 16% no EJA 2ª fase.

Sobre o lugar de origem (lugar onde nasceram e viveram os primeiros anos das suas vidas), a maioria (62%) é da zona urbana de Bela Vista, 14% são naturais Bella Vista (Paraguai - PY), 7% são da zona rural de Bela Vista, 5% são de Campo Grande, 2% são da cidade vizinha de Antônio João, 1% da cidade de Jardim, 1% de Colônia Cachoeira, 1% de outros lugares do Paraguai e 8% são originários de cidades mais distantes no país.

Sobre o lugar onde residem atualmente, constatamos que 77% vivem na zona urbana de Bela Vista, 3% na zona rural da cidade e 20% moram em Bella Vista (PY). Esses dados nos mostram uma significativa porcentagem de alunos⁴ que se deslocam todos os dias do país vizinho para estudar nessa escola brasileira⁵.

3 A coleta de dados se deu em abril de 2019 pela bolsista PIBIC anterior. Nossa proposta é voltar a Bela Vista, em breve, para devolver os dados à comunidade escolar e refletir com eles sobre as questões levantadas na pesquisa.

4 Vale destacar que, em conversa informal com professores e coordenadores dessa Escola, fomos informadas de que existem outras escolas do município em que o percentual de alunos paraguaios é ainda maior.

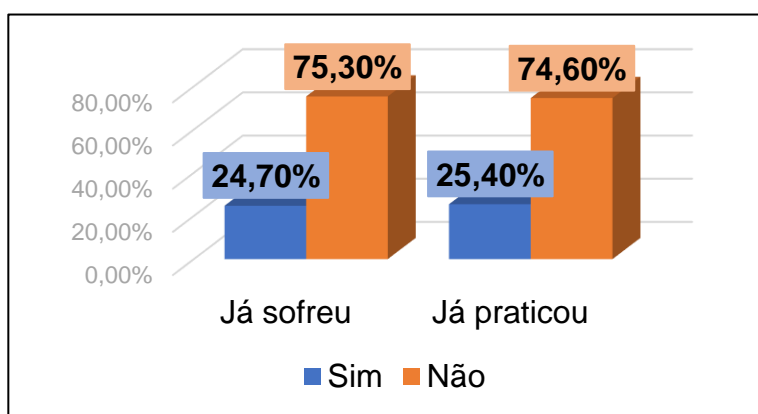
5 Este estudo foi realizado em apenas uma única Escola Estadual do município de Bela Vista, mas existem outras 3, as quais ainda não conseguimos visitar. A cidade possui ainda 12 Escolas Municipais, dentre elas Escolas Rurais e Indígenas, porém, demos preferência à Escola Estadual porque queríamos pesquisar alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA e nas Escolas Municipais não há oferta desses níveis.

3. Apresentação e análise dos dados

Os dados utilizados para esta análise provêm das respostas a duas perguntas do Teste de Atitude e Percepção Linguística: (1) Você já sofreu algum tipo de discriminação/*bullying* por causa do seu jeito de falar/sotaque? Se sim, comente como foi sua reação e como você sentiu e (2) Você já zoou de alguém por causa do jeito de falar/sotaque?

Os resultados podem ser visualizados no gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: O *bullying* linguístico na escola



Observando as respostas dadas para as duas questões alocadas no gráfico acima, podemos notar que a porcentagem de indivíduos que já sofreu com o *bullying* linguístico é de quase 25% e que o número se equipara a quantidade de alunos que afirmou já ter cometido *bullying* linguístico. Levando em consideração a proporção de indivíduos ouvidos pela pesquisa, o número de respostas afirmativas é preocupante, pois demonstra a formação de um ciclo vicioso no qual as pessoas sofrem e praticam a violência discriminatória.

O quadro a seguir mostra alguns depoimentos dados pelos alunos ao serem questionados acerca do que sentiram ao serem vítimas de uma situação de *bullying* linguístico.

Quadro 1: Sentimentos gerados pelo *bullying*

“Eu me senti desconfortável e triste”	“de espanto, mas não liguei”
“Ofendido”	“Na verdade é apenas uma imitação, porque eu sou gaúcha”
“Machucada”	“Eram apelidos, mas na maior parte levava na brincadeira”
“Fiquei meio triste”	“Triste”
“Magoado porque a culpa não é minha se eu não sei falar”	“Me senti diferente, me senti anormal”
“Sim, pois eu falei enrolado e misturado e por isso fui zoado”	“me senti um pouco incomodado”
“Me senti muito estranha quando ela falou”	“Não me importo muito”
“Foi na zoeira”	“Não me impactei de maneira alguma”
“Foi horrível chorei muito”	“Nem liguei”
“Fiquei constrangida, não sabia o que fazer”	“Não senti nada, fiquei tranquila”
“No início me senti muito mal, mas superei isso talvez”	“Mal”
“Fiquei bravo”	“Só fiquei quieta”
“Fiquei chateada”	

Podemos observar as diversas respostas onde são usadas expressões de tristeza, chateação e descontentamento, chegando ao nível de causar o choro por parte de uma das vítimas. Levando em consideração apenas tais expressões, é totalmente perceptível o impacto que uma situação de *bullying* linguístico pode vir a causar em um jovem, causando o mesmo desconforto de qualquer outro tipo de violência. No entanto, enquanto o *bullying* em si é um assunto muito falado e trabalhado pela mídia, escola e outras instituições sociais, os atos discriminatórios em relação à língua dificilmente recebem tal atenção.

Com o apoio da mídia, se propaga na sociedade o que o linguista Marcos Bagno chama de “ciclo vicioso do preconceito linguístico”, em que os métodos tradicionais de ensino, os livros didáticos e a gramática tradicional perpetuam concepções de uma língua padronizada e unilateral (BAGNO, 2015, p. 109-110). São reforçadas as crenças de que existem formas “certas e erradas” de se falar e de que para se alcançar uma posição de prestígio social, é necessário o domínio da “norma padrão”. Respostas como “não me importo muito” ou “foi na zoeira”, demonstram o quanto as pessoas (nesse caso, os estudantes) realmente passam a aceitar e crer que sua variante linguística está “errada”.

A resposta “na verdade é apenas uma imitação, porque sou gaúcha” demonstra que a manutenção de estereótipos ocasiona situações de discriminação no ambiente

escolar, onde determinadas variedades linguísticas são tidas como “cômicas” e ridicularizadas, apenas por se encontrarem em uma situação de fala onde são a minoria. Essa situação reflete também o fato de que em nossa realidade linguística determinados sotaques são alvo de discriminação por destoarem do modelo de “pronúncia padrão” perpetuado, principalmente, pelas mídias jornalísticas (BAGNO, 2015, p. 278-279).

Ao ouvirem de outras pessoas que a sua forma de falar não é tão “bonita” ou tão “correta”, e até sendo “zoados” e ridicularizados apenas por utilizarem uma variedade linguística que foge do “padrão”, os alunos demonstram com respostas como “me senti diferente, me senti anormal” e “magoado porque a culpa não é minha se não sei falar” que passam a questionar a sua própria língua, aquela com a qual se comunicaram a vida inteira obtendo sucesso em suas interações.

Lagares (2018) afirma que “do ponto de vista da estrutura fonético-fonológica ou morfossintática, é possível afirmar que todos os idiomas e todas as variedades linguísticas são equivalentes” (p. 122), portanto toda e qualquer situação em que determinada língua é considerada “errada”, o que está em jogo é um ponto de vista totalmente social, a partir do qual a população que utiliza tal variante não se encontra em uma posição de poder/prestígio. Dessa forma, podemos concluir que o preconceito/*bullying* linguístico se fundamenta como um algo tão grave quanto qualquer outra forma de discriminação que aloca determinados grupos em uma situação minoritária, devendo, portanto, ser discutido e combatido.

Considerações finais

Bagno afirma que, enquanto as outras formas de preconceito como o racismo e a homofobia “vêm sendo atacados com algum sucesso com diversos métodos de combate, o preconceito linguístico continua a sua marcha” (BAGNO, 2015, p. 115) e que, com o ensino tradicional, a visão conservadora de que existe um padrão ideal de língua a ser alcançado por todos “[...] foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais” (BAGNO, 2015, p. 237-238). Portanto, é necessário que a escola leve os jovens a conhecer esse tipo de discriminação e ter consciência acerca de sua gravidade, para que essa realidade possa ser transformada.

Nesse sentido, é proposto aos professores de língua materna que iniciem o desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística que possui como objetivo “utilizar a reflexão gramatical como ferramenta para o desenvolvimento de competência

comunicativa” ao mesmo tempo em que procura “conhecer o aluno, saber a que comunidade de fala ele pertence, que valores culturais perpassam suas experiências, que práticas de letramento tem vivenciado” (CYRANKA, 2015, p. 35). Para que todas as variedades linguísticas sejam acolhidas e que todos os alunos consigam ter suas vozes ouvidas, sem deixar de adquirir o conhecimento necessário para conhecer e dominar as variedades que ocupam posições sociais de prestígio.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística**. SIGNUM: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/20327/16552>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. **A pedagogia da variação linguística é possível?**. In: FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). *Pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

MILAN, Cléia Garcia da Cruz. **Bullying: discussão sobre atitudes escolares**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. Maringá, Anais Maringá, p. 221-229, 2009.